

Rádio Mariposas - guerreiras pela liberdade¹

Elisama Costa XIMENES²
Beatriz da Silva OLIVEIRA³
Letícia Póvoa VARGEM⁴
Milleny Cordeiro de ALMEIDA⁵
Nayara Cunha de URZÊDA⁶
Maria Flora Ribeiro Costa MEDEIROS⁷
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O artigo disserta sobre a implantação de uma rádio dentro do Centro de Inserção Social Consuelo Nasser, presídio feminino do Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia. O projeto foi desenvolvido por estudantes das disciplinas de Radiojornalismo e Comunicação e Cidadania do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás. Buscava-se, além da produção de programas radiofônicos, instigar as mulheres custodiadas a refletir sobre o seu papel na sociedade enquanto cidadãs, com direitos e deveres. Chegou-se a conclusão de que é necessário, ao exercício da profissão jornalística, conhecer de quem se fala e, especialmente, com quem se fala.

PALAVRAS-CHAVE: radiojornalismo; prática jornalística; mulheres encarceradas; reflexão; exercício de cidadania.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a crença popular, o significado da existência das mariposas está relacionado ao renascer, justamente por conta do ciclo de transformação da lagarta em mariposa. Com este intuito de despertar minimamente a consciência da transformação pela informação, no segundo semestre de 2015, a rádio Mariposas – Guerreiras Pela Liberdade iniciou os trabalhos no Centro de Inserção Social (CIS) Consuelo Nasser, localizado no complexo prisional de Aparecida de Goiânia. Cumprem pena em regime fechado no CIS cerca de 50 custodiadas do estado que já foram julgadas e sentenciadas. A estas mulheres, durante o desenvolvimento da rádio, foram oferecidas oficinas de locução, roteiro e

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria JO05, modalidade Produção laboratorial em audiojornalismo e radiojornalismo (avulso/conjunto ou série).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: ximenes.ely@gmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: biasilveira2701@gmail.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: leticiajornalismoufg@gmail.com.

⁵ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: milleny.cordeiro.almeida@gmail.com.

⁶ Estudante do 9º. Semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: nayara@live.jp.

⁷ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: floraribeiro2@gmail.com.

produção radiofônica de modo a apresentá-las os bastidores do rádio. Assim, foram produzidos programas de forma compartilhada com as estudantes matriculadas na disciplina de Radiojornalismo e Comunicação e Cidadania, da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Disciplinas ministradas pela professora Flora Ribeiro e professor Nilton José, respectivamente.

2 OBJETIVO

2.1 OBJETIVOS GERAIS

O objetivo geral do projeto é despertar nas detentas a reflexão sobre a complexidade e contradições da realidade em que elas estão inseridas. A apropriação da metodologia do jornalismo em rádio permitiu trabalhar a socialização e suscitar a disposição ao conhecimento prático agregando valores, bem como experiências individuais e coletivas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Construir, de acordo com a técnica jornalística, programas radiofônicos dentro do Presídio Consuelo Nasser, com as custodiadas.
- b) Suscitar nas detentas a reflexão acerca do contexto em que estão inseridas e os caminhos que podem ou não mudar o cenário em que vivem.
- c) Mostrar como essas mulheres, de maneira geral, se percebem na sociedade e dentro da realidade na qual vivem.
- d) Expor o contexto de invisibilidade no qual essa população, muitas vezes, está inserida e instigar o pensamento sobre o preconceito e a função delas na sociedade.
- e) Provocar a percepção das presas sobre o futuro e as perspectivas em relação às suas próprias vidas.

3 JUSTIFICATIVA

De acordo com o último levantamento nacional de informações penitenciárias (Infopen Mulheres) de junho de 2014, realizado pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen), “a prevalência de certos perfis de mulheres (baixa escolaridade, negras) no sistema prisional revela a discrepância das tendências de encarceramento de mulheres no país, e reforça o já conhecido perfil da população prisional geral” (DEPEN, 2014, p.20).

Ao considerar que o processo comunicacional imprime o fator social, este projeto se reveste de uma importância científica ímpar ao possibilitar, por meio do exercício do jornalismo em rádio, o empoderamento das detentas a tal ponto que elas se tornam comunicadoras da própria realidade.

A rádio-pátio, portanto, foi o meio encontrado para a efetivação de tal proposta, porque não há meio de transmissão dentro daquele presídio, visto que há o impedimento parcial ou total por parte dos bloqueadores de sinal de comunicação das ondas ali instaladas. A rádio-pátio, portanto, aproxima-se da rádio-poste de que Peruzzo (2010) fala quando defende a rádio comunitária. Ela, também, que consegue explicar o porquê de termos encontrado, em tal meio, a solução comunicacional dentro do presídio Consuelo Nasser:

Esta modalidade de rádio comunitária continua desempenhando papel informativo e educativo relevante em muitas regiões do Brasil, um país de contrastes. Em determinadas áreas o alto-falante continua sendo um meio de comunicação viável e funcional para suprir as necessidades comunicacionais de cada localidade. (PERUZZO, 2010, p.4)

Assim, assumimos o compromisso de realizar uma prática que fosse comunitária, mas, ao mesmo tempo, respeitando os regramentos legais determinados pela Lei de Execuções Penais do Brasil de nº 7.210 de julho de 1984, bem como os regramentos administrativos daquela unidade prisional. Mas o empoderamento objetivado não se daria apenas pela forma, ou seja, pela operacionalização técnica de uma rádio; foi necessário cuidar do conteúdo. Viu-se, então, que um programa de único tema não daria conta da complexidade de assuntos a serem discutidos em tal espaço. Por isso, pensou-se em programas com temas grandes, porém, divididos em quadros com subtemas que cortassem os primeiros.

Para pensar os temas dos quadros (que eram fixos) e, depois, dos programas, foi necessário refletir sobre os assuntos de interesse da mulher, mas, mais especificamente, de uma mulher encarcerada e ainda mais marginalizada. Portanto, falar da sexualidade era essencial para entender o gênero e falar de educação e trabalho para fazê-las refletir sobre as experiências delas e mediar suas percepções sobre aquela realidade e sobre elas mesmas, num exercício de cidadania e de interpretações sobre direitos humanos.

Desse modo, ressalta-se aqui a relevância científica-social do trabalho realizado. Importa ainda informar que, na revisão bibliográfica realizada como um dos objetivos do projeto, observou-se uma escassez de trabalhos acadêmicos-científicos que abordem a temática ora examinada neste projeto.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Os procedimentos metodológicos utilizados na realização do projeto baseiam-se em levantamento bibliográfico, rodas de conversa e oficinas de rádio. De acordo com Travancas (2010, p. 100), o levantamento bibliográfico é importante porque é preciso estar “minimamente ‘iniciado’ no seu tema. Precisa saber o que já se disse e escreveu sobre o grupo escolhido antes de ‘entrar’ nele. Saber quais as dificuldades e os riscos que vai encontrar”.

Dessa forma, foi possível o conhecimento sobre a Lei de Execução Penal, além de artigos e textos que trazem as reais situações em que vivem as mulheres encarceradas no Brasil, e tratam de assuntos intrínsecos a essa realidade, como gravidez, trabalho, saúde, educação e criminalidade.

A partir disso, nos primeiros encontros com as presidiárias, foram realizadas pequenas rodas de conversa como método de ensino e aprendizagem, onde se discutia os temas que poderiam ser tratados em cada programa. Spink, Menegon e Medrado (2014, p. 34) defendem que a roda de conversa como uma ação em grupo possui um caráter político e transformador, cujo espaço é privilegiado para estudar “relações de poder que controlam, selecionam e organizam enunciados, bem como produzem regimes de verdade e formas de resistência”.

Em relação à parte prática do projeto, o procedimento adotado foi uma oficina de rádio realizada no CIS Consuelo Nasser a fim de introduzir as presidiárias na produção radiofônica e colocá-las em contato com mesa de áudio, microfones, gravação de vinhetas, música e edição. Oficinas de linguagem radiofônica, roteiro e vinhetas também foram realizadas, onde as presidiárias puderam ter contato com roteiros de programas e compreender cada parte que forma esse todo que é o programa radiofônico.

As oficinas permitem a troca de experiências entre os sujeitos participantes, além da produção de conhecimentos e reflexões. De acordo com Spink e Medrado (apud SPINK; MENEGON e MEDRADO, 2014, p. 34), “as oficinas são práticas discursivas, ou seja, compreendem maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos sobre fenômenos a sua volta e se posicionam em relações sociais cotidianas”.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

5.1. NOME DO PRODUTO

Rádio Compartilhada Mariposas – Guerreiras Pela Liberdade.

5.2. EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

Foram produzidos três programas radiofônicos utilizando os seguintes equipamentos: caixa amplificadora de som, cabos p2 – RCA, cabos p2-p2, cabos p2-p10, cabos de microfone, microfones, notebooks com o programa de edição Audacity, em que eram gravados os programas e editados posteriormente, fontes para notebook e fonte para a caixa de som.

5.3. PRODUÇÃO DE ROTEIROS

Os três programas produzidos abordaram os seguintes temas: educação e trabalho, sexualidade e drogas, gravados nesta ordem. Entretanto, somente os dois primeiros conseguiram ser editados e finalizados até a finalização deste paper. Cada programa foi dividido em quatro quadros: Bem-estar, voltado à saúde das custodiadas; Encontro Real, para que elas mesmas pudessem contar suas histórias e vivências; Eu Existo, voltado à cidadania e conscientização da presidiária enquanto cidadã; e Heroínas da Fé, um momento de orações e louvores, destacando a fé sem impor doutrinas religiosas, uma vez que o grupo realizador do projeto percebeu o quanto a religião era um fator importante para as detentas e o alto grau de devoção religiosa presente no ambiente.

Antes da produção dos roteiros, foram feitos encontros com as custodiadas a fim de expor o tema, trocar ideias e receber sugestões, de forma a elaborar roteiros compartilhados.

5.4. LOCUÇÃO E APRESENTAÇÃO

A apresentação dos programas produzidos foi pensada de forma a incluir as custodiadas do CIS como locutoras, entrevistadoras e entrevistadas, utilizando a locução das estudantes como auxílio. As vinhetas também foram pensadas e gravadas pelas custodiadas, sob a mediação das alunas. Foi utilizada linguagem informal, para que tanto as custodiadas quanto as estudantes pudessem utilizar a linguagem mais familiar e cotidiana.

5.5 FINALIZAÇÃO DOS PROGRAMAS

Depois de totalmente gravados no interior do CIS Consuelo Nasser, os programas foram editados no programa Audacity e disponibilizados no formato mp3.

6 CONSIDERAÇÕES

A implantação de uma rádio no Centro de Inserção Social Consuelo Nasser, localizado no Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia, excedeu as expectativas iniciais do projeto acadêmico realizado em conjunto por estudantes das disciplinas de Radiojornalismo e Comunicação e Cidadania do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás. Buscava-se, a princípio, desenvolver produtos jornalísticos no formato radiofônico e instigar as mulheres presas à reflexão de qual o seu lugar na sociedade e ao debate de diversos temas.

O que ocorreu, no entanto, ultrapassou os objetivos iniciais e expandiu os conhecimentos adquiridos na Universidade dentro dos muros do presídio. Através das rodas de conversa, das oficinas de rádio propostas e da participação ativa das custodiadas na produção e gravação dos programas, foi possível enxergar melhor uma realidade costumeiramente retratada de forma unilateral e preconceituosa pela mídia tradicional. A troca de vivências entre estudantes e presas levou a desconstrução de estereótipos equivocados e a uma maior preocupação de, como mediadoras de realidade, ter discurso apropriado e o mais isento possível de pré-conceitos ao falar sobre aqueles, com aqueles e para aqueles que são silenciados na sociedade.

Espera-se, com a conclusão dessa primeira experiência com o projeto, que ele se torne um projeto de extensão da Universidade ou, até mesmo, uma disciplina laboratorial do Curso de Jornalismo. Assim, além da prática jornalística, é possível exercitar a função social do Jornalismo como agente capaz de influenciar a transformação social e fazer parte do processo de (re)inserção e de estímulo do resgate da emancipação e autonomia dessas mulheres afim de que possam sentir-se empoderadas para a transformação de suas próprias vidas para um futuro de maior dignidade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Ministério da Justiça.
Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen Mulheres.
Disponível em www.justica.gov.br/politicapenal. Brasília, 2014.

PERUZZO, CiciliaM.Krohling. **Rádios Comunitárias no Brasil:** da desobediência civil e particularidades às propostas aprovadas na CONFECOM. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. **Oficinas como estratégias de pesquisa:** articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas.

Revista *Psicologia & Sociedade*. 2014. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/05.pdf>. Acesso em: 04/04/2016, às 17h30.

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs.). *Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2 Ed. São Paulo: Atlas, 2010.